

O percurso literário: a relação da saudade com o ato da escrita e da leitura em *Tutameia – Terceiras Estórias*, de Guimarães Rosa

*Beatriz Meleiro Teixeira*¹

Resumo

A pesquisa centra-se na hipótese de que a saudade seja ao mesmo tempo tema fundamental e elemento estruturador na composição do conjunto de narrativas que compõem a obra *Tutameia – Terceiras Estórias*, de João Guimarães Rosa. A saudade pode ser caracterizada como a condensação da tríade passado-presente-futuro de modo a promover uma suspensão temporal, e ainda aparece sob a forma de manipulação do passado, operada pelas personagens ou narradores em alguns contos, ou como tentativa de resgatar um momento anterior. Ainda, assumimos que a forma do texto, constituído por ausências evidenciadas pelas lacunas, inversões e alternância de tempos verbais, também representa essa constante. Pesquisas precedentes acerca da obra demonstraram o dialogismo e a metaficção nela presentes, caracterizando o retorno à tradição e a construção de uma teoria ficcional. Nesse sentido, a comunicação está centrada na proposta de que as constantes reflexões acerca do fazer literário e o diálogo com a atividade do leitor estão comumente associadas aos conceitos de tempo e, especialmente, que seu movimento de condensação faz parte da construção desse imaginário. Nosso estudo do conjunto de contos encontrou a recorrência do vocábulo “saudade” em diferentes contextos e passível de diferentes significados – tão vasto como poderia ser, o léxico é definido na lista de considerações do primeiro prefácio do livro: “Saudade é o domínio do que não está presente, diga-se ausente.”, o que, confrontado à consideração que encerra o mesmo prefácio, “O livro pode valer pelo muito que nele não deveu caber.”, suscita o vínculo entre a reflexão sobre o tempo e a arte literária.

Palavras-chave

Guimarães Rosa; *Tutameia*; saudade

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. André Luis Rodrigues. Bolsista CNPQ. E-mail: beatriz.meleiro.teixeira@usp.br

Nossa pesquisa está voltada para o estudo da saudade na obra *Tutameia – Terceiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, questão que foi tomando contorno conforme percebíamos a recorrência de personagens em situação de viagem ou exílio e, a partir disso, temas assemelhados, como a perda e separação de amantes ou entes queridos, e, ainda, propriamente, apego a um passado ou tentativa de apreendê-lo. Desse modo, o que parecia caracterizar os contos era o estado de incompletude em relação a algo já possuído ou vivenciado, o não estar onde se pertence, com quem gostaria, não viver o já vivido. A partir disso, nos chamou atenção que o próprio vocábulo “saudade” aparece vezes consideráveis no livro, e em algumas delas poderíamos dizer que há um distanciamento de sua significação habitual ou não há uma correspondência imediata com o enredo. Nos foi relevante também que em uma das sentenças da listagem final do “Aletria e Hermenêutica”, prefácio que abre o livro, estivesse contida a seguinte frase: “Saudade é o predomínio do que não está presente; diga-se ausente”(p.12), trazendo ao conceito de saudade uma abrangência que não corresponde ao seu sentido usual, de lamento pelo passado, de modo a fazer com que a saudade em si já abarque outras faltas e ausências, o que nos remete à própria definição do “nada” que o narrador vai buscando nesse prefácio e os conceitos definidos pela falta, conforme ele propõe.

Desse modo, ao pensarmos na saudade, especialmente sob a abrangência destinada ao vocábulo a partir da definição apresentada, nos atentamos: ao uso do termo em diferentes contextos e passível de diferentes significados, à relação com o passado, com a perda, com a presença de algo que não se distingue, conforme se apresentam na temática dos contos; a partir disso, verificamos o quanto, dentro de uma perspectiva metaficcional, a saudade não seria um elo do próprio fazer artístico, uma vez que a literatura pressupõe a tradição e sua renovação – e *Tutameia*, como já foi demonstrado em pesquisas anteriores, apresenta um diálogo intenso com a tradição mítica e literária. Ainda, devemos entender como isso se opera dentro da forma, a partir de procedimentos recorrentes nas narrativas, como omissões, alternância em tempos verbais, uso de pontuação, sintaxe distorcida e interrupções.

Para a nossa comunicação, elegemos um dos aspectos relacionados à saudade, que é o próprio fazer artístico, relacionado à atividade leitora como participante ativa do processo literário. Essa possibilidade de leitura nos veio a partir do livro *João*

Guimarães Rosa e a saudade, de Suzana Kampff Lages (2002), no qual encontramos um embasamento teórico que se alinhava às possibilidades de análise de *Tutameia* e nos proporcionou perceber e abranger nossa visão a respeito do modo como a questão pode ser abordada – especialmente em relação à estrutura textual, à temporalidade implícita no tecido narrativo, à metalinguagem e à relação com o leitor. Assim, iniciamos pelo paratexto: o livro apresenta dois índices, um de leitura e outro de releitura, ambos são acompanhados de epígrafes de Schopenhauer, nas quais lemos, respectivamente:

Daí, pois, como já se disse, exigir a primeira leitura paciência, fundada em certeza de que, na segunda, muita coisa, ou tudo, se entenderá sob luz inteiramente outra

Já a construção orgânica e não emendada, do conjunto, terá feito necessário por vezes ler-se duas vezes a mesma passagem

A partir disso, percebemos que o autor já prescreve ao leitor a necessidade de refazer sua leitura da mesma obra, e, para além disso, propõe que, muito possivelmente, essa segunda leitura indicará um caminho bastante diferente do percorrido na primeira e que, para que haja um entendimento de uma construção pouco organizada, deve-se necessariamente ler-se duas vezes. Essa questão nos leva à percepção de Lages (2002) de que o processo de retomada do texto mimetiza o sentimento de saudade – mas aqui, diferente da observação da autora, o leitor não deverá somente buscar na memória a relação entre diferentes momentos do texto, mas será mesmo obrigado a realizar sua releitura, o que mais nitidamente parece ilustrar esse mimetismo referido pela autora, uma vez que essa ação pressupõe rever o que já foi visto e tirar disso novas ou diferentes aprendizagens ou compreensões, de modo a jogar explicitamente com o que é próprio do sentimento de saudade: olhar o passado, o já vivido, de modo a recriá-lo. No entanto, o sentido referenciado, que mostra a necessidade de que o leitor faça relações entre diferentes momentos da obra (um dos exemplos é a correspondência entre Miguel e Miguilim, no conjunto de *Corpo de Baile*), também é respaldado em *Tutameia*: sentenças remodeladas, motivos semelhantes, personagens retomadas, como o cego e seu guia em “Antiperipleia” e “Zingarêsca”, contos que, respectivamente, abrem e fecham o livro, Seo Drães, e Ladislau, e inclusive, outras coincidências narrativas,

conforme evidenciadas por Novis (1989), como as aparições dos ciganos de modo a compor uma trajetória dentro do livro. Essa retomada parece exceder esse livro específico e avançar para outras obras de Guimarães Rosa: as correspondências mais explícitas se dando entre “Tresaventura” e “A menina de lá”, “Ripuária” e “A terceira margem do rio”, e mesmo entre o jogo narrativo do primeiro conto, “Antiperipleia”, no qual o narrador-personagem se dirige a um interlocutor ausente, começando o texto por um travessão – como em Grande Sertão: Veredas, sendo, inclusive, o “nonada”, vocábulo que abre o romance, um dos significados atribuídos a “tutameia”, pelo próprio narrador em “Sobre a escova e a dúvida”. A retomada da obra, inclusive, vai se dar explicitamente quando, no mesmo prefácio, o autor-narrador declara como compôs algumas de suas narrativas, anteriores ao Tutameia.

Outro ponto abordado por Lages (2002) que nos remete ao Tutameia está de acordo com a seguinte possibilidade de definição do tema: podemos pensar a saudade como a condensação da tríade passado-presente-futuro, uma vez que a partir desse sentimento chega-se à proposição de que o passado é intocável, portanto imutável, no entanto, a apropriação dele pelo sujeito traz a possibilidade de manipulação desse passado e vai moldá-lo de acordo com sua subjetividade; ao mesmo tempo, a saudade é um ato construído no presente, uma vez que é fazer sentir o passado no presente, mas é também possibilidade futura, uma vez que sinaliza a vontade de retomar algo, e o desejo é sempre projeção. Desse modo, consideramos que essa tríade poderia ser o expoente de uma suspensão temporal, aspecto bastante presente na composição e nas asserções apreendidas no conjunto de narrativas, a partir da circularidade pressuposta, da busca da eternidade e da descontinuidade, bem como da própria estrutura textual, que mescla tempos verbais, dêiticos espaciais, planos de ação descontínuos, interrupções – o que vai mesclar os tempos do próprio objeto literário: passado (tempo da personagem e anterior ao contado), presente da escrita (tempo do narrador), e futuro da leitura (tempo do leitor), que remontam à matéria mesma do livro e à sua futuridade. Assim, a autora se preocupa especialmente com o papel do leitor na construção do texto, de onde teríamos uma outra temporalidade que subjaz à narrativa e aponta para o futuro da leitura. Assim, afirma que o leitor seria o responsável por preencher os espaços vazios deixados no texto e por ser construtor das imagens provisórias e passíveis de revisão

que vão se formando no decorrer de sua leitura. A autora demonstra que o próprio jogo de constituição do texto, composto por decomposição e reconstrução, em outra ordem, de elementos da memória, indica a necessidade de participação ativa do leitor:

Esse jogo pressupõe explicitamente uma atitude do leitor, que não só é capaz de ver ou rever imagens, mas também de reconhecê-las, ou seja, efetuar ligações entre aquilo que vê e outras imagens registradas pela memória. Assim, a saudade opera uma transação entre diferentes momentos de leitura, movimento pelo qual a leitura presente é capaz de recuperar a leitura passada e com isso resignificá-la, da mesma forma com que a referência a outro texto transforma a leitura presente, abrindo-a para novas possibilidades de leitura, futuras. (LAGES, 2002, p. 133)

A autora aponta em sua conclusão que a leitura proposta, sob o viés da saudade, foi capaz de abarcar a posição das personagens estudadas como leitoras do mundo e que refletem sobre o próprio processo de leitura que operam. A partir disso, assume a importância da memória e do tempo para a atitude especulativa das personagens, a primeira como o lugar que possibilita essas leituras e o segundo como o que molda a lembrança e o esquecimento. E por fim, retoma a última instância pressuposta no texto que vai também abarcar e mimetizar o caráter da saudade como passado e projeção, que é a atitude do leitor diante da autonomia produtiva do texto, a partir das faltas e espaços abertos que esperam para serem atualizados. Nesse sentido, o conto intitulado “Se eu seria personagem”, presente no *Tutameia*, parece brincar explicitamente com essa concepção da autora, associando o processo ficcional e a leitura ao desenrolar da vida: “A gente tem de viver, e o verão é longo. Retombei, pesado, dúctil, no molde. Salvem-se cócega e mágica, para se poder reler a vida” (p.140)

Sob outra perspectiva, assumimos também a saudade como elo do fazer artístico a partir da assertiva de que a literatura pressupõe a tradição e sua renovação. Batista (2015), em sua tese *Do Homo Viator ao Homo Regressus: a (mito)poética do retorno em Tutameia (Terceiras Estórias)*, João Guimarães Rosa, demonstra que a temática do retorno, especialmente no *Tutameia*, é tão importante quanto a da viagem e da travessia em Guimarães Rosa. A autora se detém nos diferentes tipos de retorno empreendidos pelas personagens e implícitos na construção dos textos e do conjunto da obra, se interessando também pelos retornos do texto à tradição, especialmente à mitologia,

demonstrando possíveis correspondências entre os mitos e as histórias de *Tutameia* – relaciona, por exemplo, Drizilda, de “Arroio das Antas”, à Core, filha de Deméter que foi raptada enquanto colhia flores e Sinhá Secada, do conto de mesmo nome, à própria deusa Deméter.

Nesse sentido, em “Sobre a escova e a dúvida”, durante o encontro entre o narrador e seu amigo Rão, ambos escritores, um possível caráter metalinguístico da saudade pode ser vislumbrado, uma vez que o diálogo se dá em torno da literatura, e o ideal literário de Rão é o de rompimento com a tradição e eclosão de um mundo aclássico, fazendo-o julgar também o fazer literário do narrador. No entanto, a contradição de Rão está já implícita no fato de seu próprio pseudônimo, Radamente, provir da mitologia grega; fazendo-nos considerar que a saudade a que se refere o narrador ao descrever o amigo, esteja ligada ao diálogo ou rompimento com a tradição: “Temia ele o novo e o antigo, carecia constante sustentar com as mãos o chão, as paredes, o teto, o mundo era ampla estreiteza. Queria, não queria, queria ter saudade.” (p.147). Cabe pensar que essa saudade a que se refere também pode estar relacionada ao símbolo da tradição portuguesa, Palomo (2012) investiga em sua tese as particularidades da saudade brasileira e assume que o Brasil recebe essa herança semântica de Portugal, mas passa por períodos de tentativa de ruptura, como no primeiro modernismo, fazendo referência ao manifesto “Modernismo e Ação” de Mário de Andrade no qual o autor espera a diferenciação da “gran sôedade”.

Assumimos, assim, que a saudade figura como ponto de condensação das estâncias de leitura e de produção literária dentro do *Tutameia*, servindo como palavra-chave para explicitar os processos que envolvem a arte: “Só sei que há mistérios demais, em torno dos livros e de quem os lê e de quem os escreve; mas convindo principalmente a uns e outros a humildade.” (p.160) Partindo da relação com o leitor e chegando às concepções autorais e sua relação com o passado literário, podemos vislumbrar a participação do tempo e da memória no conjunto de *Tutameia*, título que, segundo definição do narrador em um dos prefácios, significa “ninharia”, mas também “mea omnia”.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Eliane. *Do homo viator ao homo regressus : a (mito) poética do retorno em Tutaméia (Terceiras Estórias), de João Guimarães Rosa*. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2015.

LAGES, Susana Kampff. *João Guimarães Rosa e a Saudade*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

PALOMO, Victor Roberto da Cruz. *“Qui nem jiló” : A saudades do lugar de origem*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2012.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia: Terceiras Estórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.